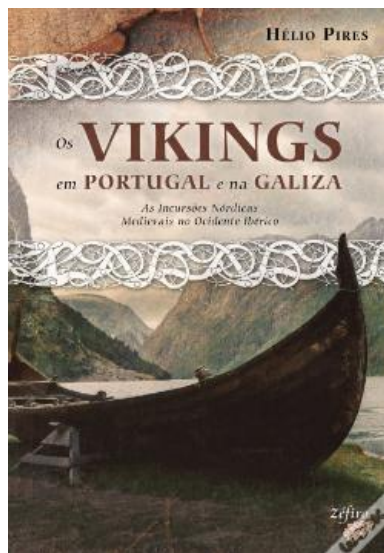


A PRESENÇA VIKING NA PENÍNSULA IBÉRICA

THE VIKING PRESENCE IN THE IBERIAN PENINSULA



PIRES, Hélio. *Os Vikings em Portugal e na Galiza*. Sintra: Zéfiro, 2017. 253 p.

*Leandro Vilar Oliveira*¹

No livro “Os Vikings em Portugal e na Galiza”, o historiador português Hélio Pires traz o resultado de seus estudos de doutorado, que finalizaram com a defesa da sua tese em 2012. Agora, com seus escritos revistos, Pires torna público o resultado de anos de minuciosa pesquisa sobre acontecimentos históricos medievais pouco conhecidos no geral e até mesmo mal compreendidos dentro da própria historiografia.² A presença nórdica nos antigos territórios galego e lusitano, que hoje perfazem a província da Galícia na Espanha e o território de Portugal, foi atestada por diversos cronistas de origem ibérica e moura, e até por cronistas franceses, ingleses e nórdicos. A partir desses relatos medievais, Hélio Pires propôs-se a realizar uma revisão sobre o

¹ Leandro Vilar é doutorando em Ciências das Religiões pela UFPB e membro do NEVE. E-mail: vilarleandro@hotmail.com

² Hélio Pires é autor do verbete “Vikings na Península Ibérica”, In: LANGER, Johnni (Ed.). *Dicionário de História e cultura da Era Viking*. São paulo: Editora Hedra, 2017, pp. 745-751.

que foi escrito a respeito disso e a tentar pensar e solucionar lacunas históricas e imprecisões de trabalhos anteriores.

Para apresentar o resultado dessa pesquisa, o livro foi dividido em uma introdução e sete capítulos. Na introdução, o autor apresenta trabalhos acerca da presença nórdica em Portugal e Galiza, traçando um breve histórico das principais obras, cujas primeiras publicações remontam ainda ao século XVIII. Dessa forma, ele situa os leitores quanto à proposta deste estudo ao mostrar que, embora existam trabalhos anteriores, estes cometeram equívocos, além de omitirem determinadas informações e acontecimentos. O autor comenta que seu livro consiste no primeiro trabalho de origem portuguesa a sistematizar o que se conhece sobre o tema.

Também na introdução, Pires abre espaço para comentar em algumas páginas a terminologia do termo viking, explicando que não consistiu num termo comum usado na época, além de ser um nome ainda de origem não definida. Pires observa que nas fontes analisadas o termo usado para se referir aos vikings era "normando" (homem do Norte), embora em algumas fontes mouras apareça a expressão al-magus, a qual o autor afirma que ainda hoje é difícil de ser interpretada com clareza, já que se trata de uma palavra usada para se referir aos sacerdotes persas da religião zoroastriana, chamados pelos antigos gregos de "magos". Pires sugere que a palavra al-magus fosse usada de forma genérica e com um conceito diferente do original. Ele conclui a introdução apresentando os parâmetros geográficos e cronológicos utilizados.

No primeiro capítulo, o autor preocupou-se em apresentar as fontes medievais, discursando de forma sucinta cada fonte consultada. Nesse ponto, é visível a preocupação e apuro apresentados pelo historiador no trato das fontes medievais que englobam um período que vai do século IX ao XIII. Algumas das fontes tiveram seus trechos transcritos em latim, sendo traduzidos, inclusive. No que se refere às fontes, Pires deixou de forma bem organizada e explicada as origens e lugares das fontes ibéricas, muçulmanas, francas, inglesas e nórdicas, apontando problemáticas de tradução, inconsistências, equívocos, entre outros fatores.

Nesse aspecto, o historiador também salienta que as fontes – em sua maioria, crônicas, anais, sagas, registros etc. – nos fornecem poucos dados, carecem de detalhes e não cobrem com exatidão e amplitude os acontecimentos comentados. O próprio Hélio Pires comenta que isso possa decepcionar algumas pessoas, mas essa é a

realidade do estudo histórico, na qual nem sempre conseguimos encontrar todas as peças do quebra-cabeça. Mesmo com essa dificuldade e lacunas, o autor procurou, com base na análise das fontes e de outros autores que desde o século XVIII escrevem a respeito do tema, dialogar com todos a fim de construir uma pesquisa explicativa, crítica, analítica e consistente.

No segundo capítulo, o autor apresenta uma introdução aos povos nórdicos, algo bastante pertinente, pois situa os leitores menos familiarizados com esse tema. Neste capítulo, Pires comenta a respeito da região conhecida como Escandinávia, que na época compreendia os territórios atuais da Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia, além de algumas outras ilhas. O autor discorre sobre aspectos espaciais e geográficos, sobre o conceito de Idade Viking (VIII-XI) e propõe um rápido questionamento sobre quais motivos teriam levado os nórdicos a se lançarem por mar e terra distantes. Nesse aspecto, Pires também se preocupou em apresentar informações históricas dos contatos vikings com outras regiões como a Inglaterra, França, Rússia, Irlanda etc.

A partir do terceiro capítulo até o sexto, o livro adentra especificamente sua proposta central: apresentar a história das incursões e batalhas nórdicas nos territórios da Galiza e de Portugal. Para tornar a leitura mais organizada, o autor dividiu essas expedições por século e ano. Assim, ele inicia o capítulo três com o século IX, período que datam as primeiras viagens conhecidas dos vikings ao território ibérico. A historiografia conhecida aponta que os primeiros ataques ocorreram no ano de 844, no qual houve o relato da invasão de uma frota nórdica aos territórios de Corunha na Galiza, e em Lisboa, atual capital de Portugal. Esses primeiros ataques, ocorridos principalmente no mês de agosto, marcam o que se sabe sobre a presença nórdica na Península Ibérica.

Além desses dois ataques, Pires aponta outros transcorridos no século IX, como os ataques de 858–859, que supostamente foram liderados por Björn, Costas de Ferro, um dos filhos do lendário rei Ragnar Lothbrok. Um destaque neste capítulo concerne ao uso das fontes, confrontando os relatos que apresentam poucas informações, lacunas e até imprecisões. Também se destacam os comentários do autor sobre outros estudiosos que sugeriram que a presença nórdica na Ibéria dataria ainda do fim do século VIII ou até mesmo antes da década de 840. Sobre isso, o autor expõe duas antigas hipóteses que falavam que os vikings teriam ido para a Ibéria no intuito de

saquear a Catedral de Santiago de Compostela ou em busca de sal. Todavia, ele apresenta argumentos que descartam tais hipóteses, como o fato de a catedral não existir naquela época, sendo uma localidade pobre e pouco conhecida.

No quarto capítulo, o autor aborda os acontecimentos relativos ao século X, época que dispomos de algumas informações a mais sobre batalhas e expedições, mas novamente há problemas de data, localidade e outras imprecisões. Sobre isso, Hélio Pires, ao analisar com minúcias os relatos da época, traça explicações mostrando que as próprias fontes do período não são conclusivas sobre os acontecimentos que relatam. Por exemplo, duas invasões relacionadas ao bispado de Tui e à cidade de Lugo, ambos em território galego, teriam ocorrido em datas que as distam com mais de trinta anos de diferença. Além disso, Pires comenta uma suposta grande invasão à região de Compostela, ocorrida entre 968-969, a qual foi liderada por um líder chamado Gunduredo, que teria supostamente sob seu comando cem navios.

No quinto capítulo, onde se abordam as expedições e conflitos no século XI, época que marca o fim da Era Viking, Pires comenta um pouco a respeito das últimas grandes investidas dos nórdicos contra a Inglaterra antes de adentrar as expedições ocorridas em Portugal e Galiza. Nesse capítulo, ele aprofunda análises sobre acontecimentos incongruentes, como a suposta permanência de uma expedição nórdica em território português ao longo de nove meses entre 1015 e 1016, algo que praticamente nada se sabe. Merece destaque nessa parte do livro a análise do autor sobre a suposta presença do rei Olavo Haraldsson (São Olavo), o qual teria comandado campanhas militares na Galiza. No caso, Pires dedica várias páginas a confrontar as fontes nórdicas e os estudos de outros autores sobre o tema.

No sexto capítulo, Pires inicia fornecendo informações sobre a cristianização dos vikings, processo que começou ainda no século VIII, tendo ocorrido de forma lenta. O autor menciona casos particulares de reis que foram cristianizados, como: Haroldo Dente Azul; Hakon, o Bom; e Olavo Haraldsson. Esse processo de conversão e imposição da fé cristã somente ganhou mais destaque do século XII em diante, quando os reinos da Noruega, Dinamarca e Suécia formalizaram-se como monarquias cristãs. Tal fato influenciou as expedições nórdicas ocorridas naquele ano em Portugal e Galiza.

O destaque para o capítulo seis dá-se para o estudo de Hélio Pires sobre a expedição do rei Sigurd Magnusson que governou a Noruega entre 1103 e 1130. A vida desse rei tornou-se especial para os cronistas medievais, pois ele como um “bom cristão” decidiu promover uma cruzada a Jerusalém, fato esse que lhe rendeu as alcunhas de “o Cruzado” e “Jórsalafari”. As histórias da expedição de Sigurd foram narradas em poemas e sagas nórdicas nos séculos XII e XIII, entretanto, Pires atenta para a passagem deste rei norueguês por Portugal, tendo se envolvido em pilhagens, ataques a castelos e confronto contra os muçulmanos. O grande destaque desse capítulo dá-se para a análise do autor acerca dos relatos das fontes nórdicas que comentam esses conflitos ocorridos entre 1008 e 1009, porém a problemática reside em não haver fontes ibéricas que corroborem a presença de expedições nórdicas nessa época em Portugal. Assim, Pires investiga até onde poderia haver veracidade na passagem de Sigurd por Portugal.

Acerca do capítulo sete, este foi dividido em três partes, consistindo no maior da obra em questão. Nesse ponto, o historiador Hélio Pires escanteia os relatos militares sobre as expedições nórdicas ao longo de três séculos e aborda outras fontes e objetos de estudo, o que concede um grande ganho à obra, a qual não se limita apenas a relatar, debater e comentar as expedições vikings a Portugal e Galiza. Pires divide o capítulo sete em três partes no intuito de abordar três tópicos: o folclore sobre a presença escandinava em território português, a suposta construção de fortificações para impedir ataques dos vikings e a suposta formação de pequenas colônias por eles.

No primeiro momento, analisando relatos modernos e contemporâneos, e até folclóricos, o autor analisa de forma crítica a plausibilidade de algumas histórias supostamente relacionadas aos nórdicos, como a Batalha de Chantada, o milagre de São Gonçalo e a romaria viking de Caitora. Em todos esses acontecimentos, Pires observa a falta de fundamentação histórica que corrobore tais conflitos; a propósito, cita o fato de que a romaria de Caitora surgiu de uma brincadeira, não de um acontecimento real.

Na segunda parte do capítulo, o autor aborda algumas estruturas de fortificação como muros, torres e o castelo de Guimarães, as quais supostamente foram erguidas para evitar novos ataques vikings. No caso, Pires explana que a História e a Arqueologia não asseguram que os ataques nórdicos, que eram bem esporádicos em

Portugal e na Galiza, tenham sido fator preponderante para erguer tais fortificações. Talvez o único caso que pudesse ter sido motivado fosse em território galego, com a construção de uma nova muralha em Compostela e de algumas torres em outras localidades.

Quanto à parte três do capítulo, o autor relata que ainda hoje contam-se histórias de que vikings teriam se estabelecido no Oeste ibérico. Existe a suposta linhagem dos Gunduredos na Galiza, pessoas de olhos e cabelos claros, supostamente descendentes de vikings, e a localização de Lordemão em Portugal, a qual supostamente teria sido uma aldeia de colonos escandinavos. Em sua investigação e análise das informações, Pires salienta que não existem fatos e provas que sustentem uma presença nórdica massiva nestes territórios, tampouco a existência de uma pequena colônia, mas isso não significa que indivíduos escandinavos não possam ter permanecido e vivido nestas terras.

Por fim, um último dado comentado nesse fim do capítulo diz respeito às hipóteses de que o conhecimento naval galego-português tenha mantido influência das embarcações nórdicas. Devido à falta de documentos e provas arqueológicas, não há como confirmar se houve isso no período de contato destes povos. Por outro lado, Hélio Pires descarta que o conhecimento naval nórdico tenha sido significativo para o avanço náutico português na Era dos Descobrimentos, já que a engenharia naval mudou nestes séculos, não havendo relação alguma entre as caravelas com os barcos longos dos vikings.

Encerrados os capítulos, o autor ainda apresenta uma conclusão sobre seu estudo revisando suas hipóteses, opiniões, críticas e argumentos, como também traz uma lista com o nome de reis e condes ibéricos e de monarcas nórdicos como forma de situar melhor o leitor acerca de quem eram os governantes durante os séculos IX ao XII, lembrando que, de acordo com alguns documentos medievais, a datação dos acontecimentos era feita com base no reinado destes senhores.

Assim, o estudo do historiador Hélio Pires revela-se como um livro bastante significativo não apenas pelo tema abordado em questão, que consiste em uma temática pouco estudada em território português, mas também pela importância de sua crítica e análise de acontecimentos históricos que por vários anos foram tidos como exatos. Por outro lado, o livro também contribui para melhorar o conhecimento sobre a história

portuguesa e espanhola sobre esse período em particular. Diferentemente do que os vikings fizeram em terras onde eles formaram colônias, em Portugal e na Galiza sua presença foi mais esporádica, com interesses militares e de pilhagem, mas nem por isso menos significantes, pois revelam que esses territórios estavam na mira dos interesses escandinavos, e até mesmo são citados na sua literatura.